

MOVIMENTOS AMBIENTALISTAS ENGAJADOS NO DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO

*Roque Hammes**
*Inácio Helfer***

Resumo

Entre os principais Movimentos Sociais da atualidade se encontra o Movimento Ambientalista, também conhecido como Movimento Ecológico ou Movimento Ecologista. Ele se organiza na defesa da vida que está sendo dizimada pelas mais diversas formas. Sem muita clareza sobre a forma de agir, ele esteve, muitas vezes, na contramão da história, propugnando o fim do desenvolvimento. Mais amadurecido, o Movimento Ambientalista hoje se coloca na defesa do desenvolvimento sustentável, propugnando um desenvolvimento que respeite a natureza. A importância do Movimento está no fato de alertar a humanidade para os perigos que ela corre, caso continuar na sua voracidade destruidora do meio ambiente.

Palavras-chave: Movimento Ambientalista, Ecologia, Desenvolvimento, Meio Ambiente, Preservação da natureza.

Abstract

Among the main current Social Movements, there exists the Environmentalist Movement, also known as the Ecologic Movement or Ecologist Movement. It is structured in order to protect life in general, specially that which has gradually been destroyed through the most varied means. Initially failing to have a clearer view as to how to act more effectively, this movement has plenty of times been accused of being against history and inciting the end of development. However, nowadays, the Environmentalist

* Aluno do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado, na UNISC. Tem licenciatura plena em Filosofia pela UCS, especialização em Educação Popular pela UNISINOS e especialização em Planejamento Pastoral pela Universidade Jaeveriana de Bogotá, Colômbia.

** Doutor em Filosofia. Professor na UNISC e na UNISINOS.

Movement has matured and occupies an important position in supporting sustainable development around the globe, in this way inciting a (more) nature-friendly type of development. Moreover, the importance of the Movement is in its appealing to society in general that, unless they stop destroying the environment pitilessly and frantically, they will suffer the negative consequences of such behavior.

Keywords: Environmentalist Movement, Ecology, Development, Environment, Nature Preservation.

INTRODUÇÃO

Ao falar de Movimentos Ambientistas, muitas vezes temos a impressão de falar de algo que se contrapõe ao desenvolvimento. Isso, porque estamos acostumados à idéia de que desenvolvimento significa interferir na ordem natural das coisas enquanto que os ambientalistas querem preservar tudo como está. O problema todo nos parece estar na concepção de desenvolvimento e de preservação da natureza que se tem.

Se entendemos que desenvolvimento é uso indiscriminado de recursos naturais não renováveis, aumento de poluição, uso de agrotóxicos, desmatamento e incremento aos transgênicos, é evidente que os ambientalistas vão estar na contra-mão. O mesmo vale para os desenvolvimentistas em relação aos ambientalistas, caso estes se opuserem a toda e qualquer interferência na ordem natural das coisas. Como solução se propõe, hoje, o desenvolvimento sustentável, que é um desenvolvimento realizado no respeito ao meio ambiente, tendo por horizonte a vida das atuais e das futuras gerações. Para se conseguir este desenvolvimento, o trabalho dos movimentos ambientalistas é importante. Daí a necessidade de se conhecer um pouco melhor o que são estes movimentos e quais são as suas práticas.

1 O QUE É MOVIMENTO AMBIENTALISTA

O Movimento Ambientalista, também conhecido como Movimento Ecológico, Movimento Ecologista, ou Movimento Conservacionista, tem por objetivo primeiro garantir as condições para o livre percurso da vida na natureza através da preservação do meio ambiente.

Na sua essência, ele é um movimento de cidadania, da fruição social, envolvendo aspectos econômicos, sociais, éticos, políticos, culturais e, também, ambientais e que devem ser buscados associadamente, pois não é possível existir um movimento que seja somente ecológico ou, fazendo uma analogia com a questão da educação ambiental, uma educação que seja ambiental. Ou ele é um movimento de

REDES, Santa Cruz do Sul, v. 7, n. 1, p. 21-34, jan./abr. 2002

cidadania plena (que engloba também valores ambientais) ou não é movimento social (Noal, 1999, p. 88).

Ao usar nomes diferentes para designar o mesmo movimento, está-se definindo o enfoque diferente que é dado em situações diferentes. Conforme Noal (1999, p. 87), a expressão "movimento ambientalista" é mais usada nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro "onde seus protagonistas foram influenciados pelos movimentos de caráter libertário, pacifista, antinuclear e feminista, ocorridos na Europa e Estados Unidos". No Rio Grande do Sul, se preferiu usar o termo "movimento ecologista" "mais ligado ao conservadorismo e ao preservadorismo", designando com isso a preocupação em conservar o que existe. No presente trabalho usamos o termo "Movimento Ambientalista", por considerá-lo mais dinâmico, devido à sua vinculação com "meio ambiente" (o ambiente é o meio onde a vida nasce, cresce e se desenvolve) e devido à sua vinculação com outros movimentos emancipatórios identificados com a causa da defesa e promoção da vida. Reconhecemos, no entanto, a necessidade de clarear que não falamos apenas do meio ambiente, mas da natureza como um todo. Em outros termos, temos claro que não se trata de preservar o ambiente para possibilitar a vida dos animais e dos humanos, mas sim de preservar a natureza como natureza, sendo que animais, humanos, vegetais, minerais, ar e água fazem parte desta natureza. No dizer de Boff (1995, p. 6), "um ser vivo não pode ser visto isoladamente como um mero representante de sua espécie, mas deve ser visto e analisado sempre em relação ao conjunto das condições vitais que o constituem". Temos também consciência que o uso de um ou outro termo não altera substancialmente a qualidade do movimento, razão pela qual não brigamos nem por um e nem por outro.

O Movimento Ambientalista, conforme Noal (1999, p. 49) se diferencia dos outros Movimentos Sociais

por não falar em defesa de um grupo, de um gênero, de uma etnia ou de uma classe social. Ele fala pelas pessoas, pela humanidade e pela sociedade como um todo, além de falar por outros seres, outras espécies vivas que não têm voz e a quem o movimento ecologista atribui direitos que, historicamente, nunca lhe foram atribuídos.

Esta posição do Movimento é questionada por Sader (1992, p. 135-142) que insiste em dizer que "ou a ecologia será política ou não será". Em outros termos, "qualquer tentativa de fazer dos problemas ecológicos problemas de toda a humanidade de forma homogênea diluirá o verdadeiro cenário das lutas ecológicas" (Ibidem, p. 142). A justificativa que Sader dá a esta afirmação está na convicção de que, em nível mundial, as grandes questões ecológicas só serão resolvidas quando superarmos a enorme desigualdade que separa os países ricos dos pobres. Na sua visão, "a questão ecológica vincula-se, de forma geral ou particular, conforme seja o tema enfocado, a setores sociais diretamente envolvidos pela degradação do meio ambiente e das condições sanitárias dos seres

REDES, Santa Cruz do Sul, v. 7, n. 1, p. 21-34, jan./abr. 2002

humanos" (Ibidem p. 138). A posição de Sader está ancorada na abordagem do ambientalismo como novo movimento social, que, segundo Viola (1992, p. 50),

foi desenvolvido principalmente na Europa Ocidental por autores neomarxistas (Offe, 1985; Melucci, 1985) ou radicais ecologistas (Galtung, 1981). Segundo este enfoque, as transformações na estrutura social (forte expansão do setor de serviços que absorve mão-de-obra altamente qualificada) têm favorecido a emergência de novos movimentos sociais (basicamente pacifismo, feminismo e ecologismo) que questionam o sistema capitalista partindo de uma orientação valorativa diferente dos movimentos sociais tradicionais, com ênfase na qualidade de vida e na descentralização.

Ao não se assumir como movimento que tem sujeitos definidos, o Movimento Ecologista, muitas vezes, é visto como "movimento da pequena burguesia", que se defronta com os interesses de classes pobres, como são os pequenos agricultores (proibidos de derrubarem árvores nativas) e os garimpeiros (impedidos de usarem o mercúrio e fazerem escavações).

A partir de 1986 começa a estruturar-se no Brasil uma aproximação dos grupos ambientalistas com os setores populares. Nessa data, como muito bem assinala Viola (1992, p. 60),

grupos ambientalistas começaram a dialogar sobre problemas comuns com os ativistas sindicais (particularmente em áreas críticas como Cubatão, Criciúma, Camaçari, etc); no sul do país o movimento dos trabalhadores rurais se aproxima-se dos ambientalistas, esboçando-se a palavra de ordem de reforma agrária ecológica; os movimentos comunitários por água e esgoto na periferia das cidades recebiam muitas vezes o apoio de grupos ambientalistas" (Viola, 1992, p. 60).

Essa aproximação fez com que causas comuns fossem assumidas por vários movimentos. Ampliou-se a consciência eco-política dos Movimentos Sociais, o que fez com que Viola (1992, p. 52), incluísse na lista dos Movimentos Ambientalistas as seguintes matizes:

Os movimentos especificamente conservacionistas orientados para lutar contra a depleção e pela utilização racional dos recursos naturais; os movimentos preservacionistas que se dirigem a preservação da flora e da fauna; os movimentos ambientalistas que se dedicam especificamente à luta contra a poluição urbana e rural; os movimentos que lutam contra a energia nuclear; os movimentos em favor da tecnologia apropriada, que pretendem criar nichos sócio-econômicos de utilização de tecnologias de baixo impacto ambiental; os movimentos em prol do saneamento básico (água potável, esgoto, lixo) considerados como parte fundamental do ambientalismo no Terceiro Mundo, ainda que não caracterizados

como tais no Primeiro Mundo; os movimentos que se auto-identificam como ecológicos ou ecologistas considerando seus valores e atuação como mais profundos e contestatórios que o ambientalismo.

No Vale do Rio Pardo, o maior movimento em defesa do Meio Ambiente se deu em Encruzilhada do Sul, em 1980, onde foi feita toda uma mobilização contra a construção da barragem do Bom Será, que iria submergir toda a vila de Amaral Ferrador. Em Santa Cruz do Sul e em Venâncio Aires também se organizaram entidades que lutaram contra a depredação do Meio Ambiente. Neste momento, a luta pelo Meio Ambiente está se estruturando em ONGs (Organizações Não-Governamentais), sendo que são conhecidas as ONGs Arco-Íris de Venâncio Aires, Ecobé de Arroio do Meio, Gema de Encruzilhada do Sul e Preserva de Arvorezinha¹.

2 ORIGENS HISTÓRICAS DO MOVIMENTO

Mesmo sendo bastante novo (o Movimento Ambientalista se consolidou no final da década de 60), as origens históricas do movimento remontam ao antigo Oriente, quando

Os filósofos orientais (principalmente os do Taoísmo e do Xintoísmo), alguns santos cristãos (como São Francisco e São Bento) e uns tantos cientistas e pensadores do século XIX (como Charles Darwin, Henry Thoreau, Leon Tolstói e Charles Dickens) têm alertado seus semelhantes a respeito da importância do respeito ao ambiente (Silva, 1978, p. 207).

No século XVIII, Karl von Linné (Linneu) começa a falar da *Economia da Natureza*. "A maioria dos autores considera seus trabalhos como o lugar de nascimento da ecologia" (Acot, 1990, p. 28). Outros questionam esta relação, uma vez que Linneu, na condição de teólogo, estava mais preocupado em apontar a origem e a finalidade divina da natureza, justificada pela ordem do *Sistema da Natureza*. Segundo ele, a *Economia da Natureza* é "a disposição muito sábia dos seres naturais, instituída pelo Soberano Criador, tendendo a fins comuns e a transformações recíprocas" (Ibidem, p. 28).

Em 1866, o biólogo alemão Ernest Haeckel, forjou o termo "ecologia" (do grego oikós + logos = ciência do habitat), definindo-o "como um ramo da ciência que trata das relações recíprocas dos organismos vivos entre si e com o mundo exterior" (Noal, 1999, p. 23). Mais especificamente, ele dizia que

¹ No final deste artigo apresentamos em rápidos traços o que é Arco-Íris e o que é Ecobé.

Ecologia é a ciência do conjunto das relações dos organismos com o mundo exterior ambiente, com as condições orgânicas da existência, o que se chamou de *Economia da Natureza*, as mútuas relações de todos os organismos vivos num único e mesmo lugar, sua adaptação ao meio que os cerca, sua transformação pela luta para viverem, sobretudo os fenômenos do parasitismo (Apud Acot, 1990, p. 28).

Meio século mais tarde, em 1913, “cinquenta naturalistas britânicos fundam a *British Ecological Society* que procura conter os efeitos da industrialização que já mostrava sinais de acirramento” (Noal, 1999, p. 23). Em 1922, foi fundado o Conselho Internacional de Proteção às Aves, que foi uma das primeiras iniciativas de proteção a espécies. Já em 1946, a UNESCO criou a União Internacional de Proteção à Natureza (IUCN) que, por sua vez, ajudou a fundar, em 1961, o *World Wildlife Fund*, “que foi a primeira organização não-governamental ambiental de aspecto verdadeiramente mundial” (Ibidem, p. 46). O objetivo da organização era “o de lançar uma cruzada global contra a destruição desnecessária dos recursos naturais renováveis do mundo, principalmente a vida selvagem e seus habitats” (Ibidem, p. 47). Em 1972, em Estocolmo, foi realizada a Conferência Internacional para o Meio Ambiente Humano, onde foi criado o PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) e a CMMAD (Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento). Esta comissão produziu, em 1987, o Relatório Brundtland ou “Nosso Futuro Comum”, que “trouxe à baila dois conceitos: o de desenvolvimento sustentável e o de uma nova ordem econômica internacional” (Herculano, 1992, p. 10).

Como fatos importantes que desencadearam e fortaleceram o movimento ambientalista, podem-se citar, entre outros, a segunda guerra mundial, particularmente os acontecimentos de Hiroshima e Nagasaki, a guerra fria, modificações culturais introduzidas pela proliferação da pílula anticoncepcional, pelo movimento de rebeldia dos jovens e pelas lutas feministas, a constatação de que os desertos estão aumentando, as florestas desaparecendo e a poluição aumentando.

Na organização mais recente do Movimento Ambientalista, foram decisivos os livros *Primavera Silenciosa*, escrito por Rachel Carson em 1962 nos Estados Unidos, “no qual provava que os pesticidas usados na agricultura eram os responsáveis pelo desaparecimento de inúmeras espécies, e pássaros estavam ameaçados de extinção, inclusive a águia, símbolo dos Estados Unidos” (Ibidem, p. 13) e *Antes que a Natureza Morra* escrito pelo francês Jean Dorst em 1971. Estes dois livros

inauguraram os movimentos de alerta e de denúncia que se seguiram por mais de uma década e que, de certo modo, influenciaram toda uma geração de pessoas que organizaram-se em movimentos coletivos de intervenção social e política que buscavam uma nova ética nas relações entre os homens e a natureza que os cerca (Noal, 1999, p. 26).

Outro fato que ajudou a dinamizar o Movimento Ambientalista foram as viagens espaciais, iniciadas em 1961 com Yuri Gagarin, “quando começamos a ver a Terra de fora da Terra” (Boff, 1995, p. 9). As palavras de John W. Young, por ocasião da quinta viagem à Lua no dia 16 de abril de 1972, revelam a importância do fato.

Lá embaixo está a Terra, este planeta branco-azul, bellissimo, resplandecente, nossa pátria humana. Daqui da Lua eu o seguro na palma de minha mão. E desta perspectiva não há nele brancos ou negros, divisões entre leste e oeste, comunistas e capitalistas, norte e sul. Todos formamos uma única Terra. Temos que aprender a amar este planeta do qual somos parte e parcela (apud, Boff, 1994, p. 41).

Aprofunda-se, assim, a consciência de que a natureza é mais do que meio ambiente, que o universo é um todo onde existe uma contínua interação de tudo com todos.

Assim como as células são parte dos órgãos e os órgãos parte de um corpo, de forma semelhante os seres vivos são parte de um ecossistema que por sua vez é parte do sistema-Terra que, por fim, é parte do sistema-cosmos (Boff, 1994, p. 42).

Esta consciência ganha oficialidade na *Carta da Terra*, aprovada pela UNESCO no dia 14 de março de 2000, onde se diz que

devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. A escolha é nossa: formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida.

3 O PERCURSO DOS MOVIMENTOS AMBIENTALISTAS

Quando falamos de Movimentos Ambientalistas, falamos, ordinariamente, de entidades não-governamentais. Apesar disso, há autores que

consideram como integrantes do movimento ecologista, ou ambientalista, além das entidades não-governamentais, as entidades governamentais, os empresários, os cientistas, os políticos, os religiosos, os educadores, os jornalistas e artistas, desde que estejam envolvidos de alguma forma, em diversas áreas de atuação, com a problemática ambiental e com preocupações relacionadas ao futuro do planeta e, conseqüentemente, do homem também (Noal, 1999, p. 9).

No presente artigo, assumimos que Movimentos Ambientistas são sempre formados por grupos mais ou menos grandes de pessoas, unidos pelos mesmos objetivos sempre relacionados com a defesa do meio ambiente. Assim, cientistas, políticos, religiosos, educadores, jornalistas e artistas podem se engajar em Movimentos Ambientistas, ou podem até constituir Movimentos a partir do seu grupo, mas nunca formam Movimento sozinho. É a partir desta concepção que analisamos a caminhada histórica dos Movimentos Ambientistas.

No Brasil, o Movimento Ambientalista começou a se articular a partir do Rio Grande do Sul, que “foi o estado precursor das preocupações ambientais no país” (Ibidem, p. 52). Os pioneiros foram Henrique Luís Roessler, que “é considerado fundador da ecologia política no Brasil” (Ibidem, p. 65) e Balduino Rambo, que “possui o mérito de ser, entre todos, o primeiro a escrever e alertar que a destruição irrestrita da natureza envolve valores éticos, morais e educativos” (Ibidem, p.67).

Rambo escreveu em 1939 o livro *Elementos da história natural*, que teve grande “influência na trajetória e no pensamento de José Lutzenberger” (Ibidem, p. 67). Já Luís Roessler se notabilizou pelas críticas “em relação à pesca e à caça predatória, aos madeireiros e aos incendiários” e pelas crônicas escritas no *Correio do Povo* entre os anos de 1957 e 1963 (Ibidem, p. 66). Por sua ação surgiu, em janeiro de 1955, em São Leopoldo, a União Protetora da Natureza (UPN), que foi a primeira organização de proteção ambiental do Brasil.

Nos seus passos, em 1958, no Rio de Janeiro, foi criada a Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, “tendo como principal objetivo trabalhar em prol da preservação da fauna e da flora, particularmente daquelas espécies ameaçadas de extinção” (Viola, 1992, p. 54).

Em junho de 1971, numa iniciativa de um grupo de ecologistas coordenados por José Lutzenberger, foi fundada, em Porto Alegre, a AGAPAN (Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural), que tinha como principais objetivos:

Defesa da fauna e da vegetação; combate ao uso exagerado dos meios mecânicos contra o solo e poluição causada pelas indústrias e veículos; combate ao uso indiscriminado de inseticidas, fungicidas e herbicidas; combate à poluição dos cursos d'água pelos resíduos industriais e domiciliares não tratados; combate às destruições desnecessárias de belezas paisagísticas; luta pela salvação da humanidade da destruição, promovendo a ecologia como ciência da sobrevivência e difundindo uma moral ecológica (Viola, 1992, p. 55).

Lutzenberger estava voltando dos Estados Unidos, e, no lançamento da AGAPAN, fez quatro afirmações básicas que se tornaram referência para os Movimentos Ambientistas do Rio Grande do Sul:

1º) É impossível, em um ambiente limitado, haver crescimento ilimitado. 2º) A natureza não produz lixo. 3º) O mundo não é um aglomerado aleatório de seres vivos. Cada ser tem a sua função. 4º) Toda a relação entre espécies se dá num completo entrelaçamento e num relativo equilíbrio (Noal, 1999, p.71).

A partir da segunda metade da década de 1970 surgiram vários grupos ambientalistas no Brasil. “Trata-se de grupos pequenos de ativistas que contam com um pobre apoio financeiro de uma periferia de simpatizantes e que tem como objetivo denunciar os principais problemas de degradação ambiental nas cidades” (Viola, 1992, p. 55). Entre os movimentos que se destacaram neste período Viola (1992, p. 55-61) cita: Movimento contra a construção do novo aeroporto em Caucaia do Alto, na Mata Atlântica de São Paulo (o aeroporto acaba sendo construído em Guarulhos); Movimento para salvar as Sete Quedas no rio Paraná; Movimento de defesa da Amazônia; Movimento contra a construção de usinas nucleares em São Paulo e no Rio de Janeiro; Movimento contra a deterioração sócio-ambiental em Cubatão; Movimento contra o uso de agrotóxicos no Rio Grande do Sul.

Dez anos depois, conforme Viola (1998, p. 135), o ambientalismo brasileiro está constituído por oito setores principais:

- o ambientalismo *stricto sensu*: as associações e grupos comunitários ambientalistas (...)
- o ambientalismo governamental: as agências estatais do meio ambiente (...)
- o sócio-ambientalismo: as ONGs, sindicatos e movimentos sociais (...)
- o ambientalismo dos cientistas (...)
- o ambientalismo empresarial: os gerentes e empresários que começam a pautar seus processos produtivos e investimentos pelo critério da sustentabilidade ambiental;
- o ambientalismo dos políticos profissionais: (...) trabalham para incorporar a dimensão ambiental no conjunto das políticas públicas;
- o ambientalismo religioso: (...) vinculam a problemática ambiental à consciência do sagrado e do divino;
- o ambientalismo dos educadores (...), jornalistas e artistas.

A consciência ecológica cresceu em muitos movimentos sociais nos últimos anos, disseminando, assim, o Movimento Ambientalista. Como Movimentos Sociais influenciados pelo ambientalismo, Viola (1992, p.63) cita: Movimento dos Atingidos pelas Barragens; Movimento dos Seringueiros; Movimentos indígenas; Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra; setores do Movimento de Mulheres; setores dos Movimentos de Bairros; Movimento Pacifista; Movimentos de defesa do Consumidor; Movimentos pela Saúde ocupacional; setor do Movimento Estudantil.

Uma nova vertente do ecologismo como movimento holístico, vinculado às noções de uma ecologia generalizada, da mente, profunda, dos sistemas complexos, de auto-organização, de espiritualidade e de interdependência de todos os fenômenos – físicos, biológicos, psicológicos, sociais, culturais etc. – é representada por autores como Fritjof Capra, Gregory Bateson, Arne Naessa, Leonardo Boff, Nancy Mangabeira Unger e Régis de Moraes, entre outros (Noal, 1999, p. 17).

No final da década de 80, o ambientalismo brasileiro se abriu para a problemática do desenvolvimento sustentável. Até ali, a grande maioria dos ambientalistas não se colocava o problema do desenvolvimento, ou então apregoava a incompatibilidade entre desenvolvimento e ecologia. A motivação para esta abertura se deve a vários fatores, entre os quais se destaca “a acentuação da crise econômica e das finanças públicas (que) torna imperioso para o ambientalismo considerar, de algum modo, os problemas econômicos, sob pena de perder o contato e a influência já adquiridos em diversos setores da sociedade” (Viola, 1992, p. 66). De outro lado, há também uma mudança na postura de governos e empresários frente às questões ecológicas. Assim, “em 1991 funda-se a Sociedade Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável, reunindo empresas que pretendem pautar sua atuação pelo critério da sustentabilidade” (ibidem, p. 69). A partir daí, “já não se fala mais em proteção ambiental independente do desenvolvimento econômico, sendo o eixo do debate como atingir um novo estilo de desenvolvimento que interiorize a proteção ambiental” (Viola, 1992, p. 69).

4 ARCO-ÍRIS: uma associação a serviço do meio ambiente na região

No dia 3 de outubro de 1993, foi fundada, em Venâncio Aires, a *Arco-Íris Associação Ecológica*. Ela surgiu a partir do *Grupo Ecológico Mãe Natureza*, que existia desde o final de 1987, e que tinha por objetivos “divulgar uma nova postura da sociedade diante das opressões ambientais, denunciando os danos cometidos” (Arco-Íris). O nome *Mãe Natureza*, conforme um dos líderes do Movimento, Iuri João de Azeredo², “era um reflexo da época, quando começou um processo de feminilização, e as pessoas foram perdendo a postura machista do *eu sou homem, eu sou macho*”. Conforme Iuri, a própria luta em defesa do meio ambiente tem tudo a ver com o feminino, o sensível, a fragilidade. “A terra é vista como a provedora, onde se suga o leite, o alimento” (Ibidem).

O objetivo da Arco-Íris é “promover o respeito ao meio ambiente natural de

² Iuri João de Azeredo, coordenador da 6ª Coordenadoria Regional da Divisão da Criança e do Adolescente em Santa Cruz do Sul, e um dos líderes da Associação. A afirmação foi feita numa entrevista concedida a um dos autores do presente artigo, Roque Hammes.

Venâncio Aires e região, protegendo-o através de diversas ações” (Arco-Íris). Algumas das atividades realizadas pela Associação ao longo destes anos são:

- Solicitação de providências ao prefeito de Venâncio Aires para a arborização do meio-fio em diversos pontos de passeios públicos edificadas na cidade (26/02/89).
- Solicitação ao Secretário da Saúde e Meio Ambiente para que investigasse possíveis agressões ao meio ambiente por parte da Petropar no Distrito Industrial; de uma oficina mecânica situada na Linha Bem Feita e de um desmatamento irregular na Cidade Nova.
- Campanha “Salve o Arroio Grande” em novembro de 1995, com expedições ecológicas e oficinas de sensibilização ambiental.
- Denúncia de degradação do meio ambiente por duas pedreiras no Cerro do Baú em Venâncio Aires. Da denúncia surgiu o fechamento das pedreiras por ordem da PATRAN.
- Denúncia da possível ligação do uso de agrotóxicos nas lavouras de fumo com o alto índice de suicídios no município de Venâncio Aires. Esta denúncia foi coordenada pelo Movimento de Justiça e Direitos Humanos, tendo contado com o apoio da Arco-Íris (1996).
- Organização de fóruns sobre Meio Ambiente, sendo que o segundo fórum teve como lema “o lixo não é lixo”.
- Campanha de separação do lixo em seco e orgânico.
- Denúncia de contaminação de balneários em Venâncio Aires, resultado do excesso de coliformes fecais provenientes de estrebarias, chiqueiros, galinheiros e esgotos domésticos que deságuam diretamente nos açudes e arroios (14/01/99).
- Denúncia de poluição do Arroio Grande, no município de Venâncio Aires, resultado do despejo de matéria orgânica em grande quantidade no arroio (19/03/99).
- Palestra e debate sobre transgênicos, no dia 06 de abril de 1999, com o professor Sebastião Pinheiro.
- Pedido de providência ao prefeito de Gramado Xavier para impedir que se derrubasse uma araucária de grandes dimensões (a 1ª ou a 2ª do RS).

Entre as vitórias, a Associação contabiliza a criação do Departamento do Meio Ambiente – DEMA – que, conforme Azeredo, “surgiu em Venâncio Aires a partir de uma reivindicação que estávamos fazendo há muito tempo. O mínimo que pedíamos era um departamento do meio ambiente, mesmo que o ideal teria sido a constituição de uma secretaria”. Outra vitória que Associação contabiliza é a coleta seletiva do lixo que se iniciou em Venâncio Aires. Para que isso acontecesse, a Arco-Íris teve uma participação decisiva.

5 ECOBÉ: Uma ONG que está dando os primeiros passos

O Vale do Taquari estava se ressentindo da falta de uma organização que servisse de alerta para a ameaça que o Vale estava correndo com a devastação do meio ambiente. Foi aí que surgiu, em 2 de julho de 2000, a Ecobé, "que se define como uma Organização Não-Governamental, uma ONG de defesa do meio ambiente"³.

A palavra *Ecobé* vem do tupi-guarani, e quer dizer *viver bastante*. Nós queremos que o planeta terra viva bastante, que todos os seres humanos tenham vida longa.

Basicamente, conforme palavras do André, a Ecobé desenvolve três linhas de ação, a saber:

- Criação de uma área de preservação ambiental no Alto Taquari, "a fim de preservar as características nativas da fauna e da flora da região que estejam ameaçadas". Trabalha-se com a possibilidade de que esta área poderia ser o Morro Gaúcho.
- Educação Ambiental, onde a Organização desenvolveu trabalhos em escolas, comunidades e, especificamente, com a Associação de Moradores do Bairro Navegantes em Arroio do Meio.
- Lixo tóxico, com um projeto específico de recolher as baterias de automóveis e motocicletas, evitando que sejam jogadas no lixo.

Diferentemente de vários outros movimentos ambientalistas, a Ecobé

"se preocupa sempre em colocar a pessoa humana dentro do meio ambiente, e não simplesmente preservar o meio ambiente pelo meio ambiente (...) fugir de uma visão biocentrista e passar para uma visão de que não adianta ter um meio ambiente equilibrado e pessoas morrendo de fome" (Müller).

Outra coisa que diferencia a Ecobé de outros movimentos ambientalistas é a preocupação em evitar o denunciismo. "A gente tem como princípio passar as coisas para as autoridades competentes e não para a imprensa". Além disso, trabalha-se mais na educação das pessoas do que na denúncia,

Porque senão a gente pode facilmente entrar naquela de denunciar as coisas mais fáceis, mais simples, não tendo visão mais ampla, colocando o ser humano dentro da questão ambiental. E daqui a pouco tu estás denunciando um pobre

³ Dados obtidos junto a André Müller, que é um dos coordenadores da Ecobé. A entrevista foi realizada por Roque Hammes, no dia 1º de julho de 2001.

miscrável, que vai acabar atrás das grades porque não tem um advogado bom para defendê-lo, mas deixa de lado as grandes questões ambientais (Müller).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise feita ao longo do presente artigo, ficam claras duas coisas:

1º) É salutar que haja uma tensão entre Movimentos Ambientalistas e as iniciativas de desenvolvimento sócio-econômico. Quando percebe-se a conscientização quanto à preservação do meio ambiente, ações de fiscalização e controle das organizações que, em muitas ocasiões, seguem apenas a lógica do auferimento de mais lucros, constata-se a relevância dos Movimentos Ambientalistas. A eles cabe o papel da vigilância, da denúncia e do encaminhamento da correção dos malefícios. A tensão instaurada é reveladora do cuidado que a sociedade organizada tem para com o futuro do meio ambiente do presente e do futuro.

Essa situação não significa que haja uma incompatibilidade radical entre os dois; pelo contrário, advoga-se hoje a importância do *desenvolvimento sustentável*. Aos Movimentos Ambientalistas cabe zelar para que não se promovam prejuízos irremediáveis à natureza sob o pretexto do desenvolvimento. Pode-se dizer, sem medo de errar, que os Movimentos Ambientalistas cumprem um importante papel no processo de desenvolvimento de uma região. Onde eles estão ausentes, o futuro do espaço natural e humano corre muito mais riscos do que onde eles estão presentes.

2º) Há uma concepção não única nos Movimentos Ambientalistas no que se refere à pessoa humana. Enquanto alguns movimentos são essencialmente biocentristas, chegando a apontar a pessoa humana como quem só atrapalha a vida no Planeta, outros insistem em propor um meio ambiente do qual a pessoa humana faz parte. Ela não é inimiga, mas parte integrante do meio ambiente. Julga-se esta visão mais acertada.

BIBLIOGRAFIA

- ACOT, Pascal. *História da Ecologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1990. 194 p.
- ARCO-ÍRIS Associação Ecológica de Venâncio Aires. Breve Histórico. Venâncio Aires, 1999. 5 p. (Avulso)
- AZEREDO, Iuri João. Entrevista sobre a Arco-Íris, Associação Ecológica de Venâncio Aires. Santa Cruz do Sul, 08/06/2001. Entrevista concedida a Roque Hammes.
- BOFF, Leonardo. *Nova Era: a civilização planctária*. São Paulo: Ática, 1994. 87 p.

_____. *Princípio Terra: a volta à Terra como pátria comum*. São Paulo: Ática, 1995, 80 p.

CARTA DA TERRA, escrita por Mikhail Gorbachev, Maurice Strong, Steven Rockefeller, Mercedes Sosa, Leonardo Boff e outros. Aprovada pela UNESCO no dia 14 de março de 2000.

ESTATUTOS da Arco-Íris Associação Ecológica de Venâncio Aires, registrados no Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas de Venâncio Aires, no dia 11 de agosto de 1993.

HERCULANO, Selene Carvalho. Do desenvolvimento (in)sustentável à sociedade feliz. In: GOLDENBERG, Mirian (Coord). *Ecologia, ciência e política*. Rio de Janeiro: Revan, 1992, p. 9-45.

MULLER, André Michel. Entrevista sobre a Ecobé: Organização Não-Governamental de defesa do Meio Ambiente. Arroio do Meio, 1º de julho de 2001. Entrevista dada a Roque Hammes.

NOAL, Fernando Oliveira. *O movimento ecologista no Rio Grande do Sul: uma abordagem histórico-social de sua trajetória no período 1970-1995*. Santa Cruz do Sul, 1990, 148 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado – Universidade de Santa Cruz do Sul).

SADER, Emir. A ecologia será política ou não será. In: GOLDENBERG, Mirian (coord). *Ecologia, ciência e política*. Rio de Janeiro: Revan, 1992, p. 135-142.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. A conscientização ecológica do público. In: _____ *Ecologia e Sociedade: uma introdução às implicações sociais da crise ambiental*. São Paulo: Loyola, 1978, p.205-224.

VIOLA, Eduardo J. e LEIS, Héctor R. O ambientalismo multissetorial no Brasil para além da Rio-92: o desafio de uma estratégia globalista viável. In: _____ *Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais*. São Paulo: Cortez; Florianópolis: UFSC, 1998, p. 134-160.

VIOLA, Eduardo. O movimento ambientalista no Brasil (1971-1991): da denúncia e conscientização pública para a institucionalização e o desenvolvimento sustentável. In: GOLDENBERG, Mirian (ccord). *Ecologia, ciência e política*. Rio de Janeiro: Revan, 1992. p. 49-76.